

ESTUDO DIACRÔNICO DO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO “QUERER” NO PORTUGUÊS DO BRASIL

ALINE LUZIA DE MAGALHAES RIBEIRO¹

SUELI MARIA COELHO²

RESUMO: Este trabalho buscou analisar o processo de gramaticalização do verbo “querer” na língua portuguesa. A partir de uma análise de textos extraídos dos períodos arcaico, moderno e contemporâneo, foi realizado um levantamento das ocorrências desse verbo ao longo dos três períodos, submetendo-se as ocorrências a uma análise quantitativa das formas lexicais e gramaticais registradas, visando a verificar a frequência desse verbo ao longo de seu processo de gramaticalização.

PALAVRAS CHAVE: Gramaticalização. Diacronia. Forma lexical. Forma gramatical

ABSTRACT: This work searched to analyze the gramaticalization process of the verb “want” in Portuguese language. It’s based on the investigation of text extract of archaic, modern and contemporary period, was realize the survey of occurrences of this verb to the long one of the three periods, submitting the occurrences in a quantitative analyzes of lexical forms and grammatical registered, aiming at frequency of this verb to the long one it’s process of gramaticalization.

KEYWORDS: Grammaticalization. Diachorny. Lexical form. Grammatical form.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Segundo Coelho (2004), o postulado de que todas as línguas, contrariando a intuição do falante, não constituem realidades estáticas, mas dinâmicas e sensíveis às

¹ Aluna do 4º ano de Letras diurno e bolsista do VI PIBIC.

² Professora Adjunta do Centro Universitário de Patos de Minas e orientadora da pesquisa

pressões do uso tem sido largamente difundido entre os lingüistas, principalmente entre os sociolingüistas variacionistas. Estes, espelhados na teoria laboviana, acreditam que toda língua apresenta uma gama enorme de variação, que, por sua vez, é sempre potencialmente desencadeadora de mudança lingüística.

A partir dos estudos de Labov (1963), várias pesquisas foram empreendidas, visando a entender os fatores determinantes de variação lingüística e também a explicar por que nem todas as formas em processo de variação efetivam-se em mudança lingüística. Nesse sentido, partindo-se da premissa de que as categorias lingüísticas não constituem realidades estáveis e que, ao longo de sua história, categorias lexicais podem passar a funcionar como categorias gramaticais, a presente proposta de pesquisa apoiou-se em pressupostos teóricos da sintaxe formal, propondo-se a empreender um estudo diacrônico do processo de gramaticalização do verbo “querer” no português do Brasil. O objetivo principal desta pesquisa foi, pois, estudar, numa perspectiva diacrônica, o processo de gramaticalização do verbo “querer” no português brasileiro. Como objetivos específicos, citam-se: (a) traçar o percurso diacrônico dessa gramaticalização; (b) identificar o período lingüístico em que tal verbo se gramaticalizou na língua; (c) quantificar a preferência do falante em relação ao emprego do verbo “querer”, verificando se este é empregado prioritariamente como item lexical ou como item gramatical; (d) identificar o estatuto do verbo “querer” no estágio atual da língua portuguesa no Brasil. A hipótese aventada pela pesquisa é a de que o verbo “querer” ainda está em processo de gramaticalização, porque, diferentemente dos demais auxiliares, ele ainda apresenta, nesta função, resquícios de seu valor semântico.

O estudo ora proposto não constitui uma pesquisa de natureza aplicada. Portanto, não se espera que sua relevância resida no fato de que os resultados obtidos possam trazer contribuições sociais, mais especificamente voltadas para questões de ensino. Esta pesquisa tem caráter puro e visa a uma aplicação teórica. Para tanto, este estudo tomou como *corpus* textos extraídos de três períodos lingüísticos distintos, quais sejam: período arcaico, período moderno e período contemporâneo. Nesta seleção, foram analisadas as realizações do verbo “querer” que, posteriormente, foram classificadas em realizações concretas ou abstratas. Buscou-se, a partir dos resultados obtidos e das reflexões empreendidas, aprimorar a descrição de um fato lingüístico, mais especificamente relacionado à gramaticalização de uma forma verbal que, num dado momento da história da língua, foi perdendo seus traços de categoria lexical até incorporar funções gramaticais que não lhe eram, num estágio anterior, peculiares. Acredita-se, pois, que, a despeito de não se voltar para uma aplicação social, a relevância do estudo ora apresentado resida na possibilidade que o mesmo constitui de contribuir para um melhor entendimento acerca do

modo como funciona o sistema lingüístico no que tange à criação de formas gramaticais a partir de formas lexicais.

Outro fator que contribui para acentuar a significância deste estudo é o fato de os estudos formalistas acerca do fenômeno da gramaticalização encontrarem-se em fase inicial, se considerado o trajeto já percorrido pelos demais estudiosos em militância. Os lingüistas formalistas estão se dedicando incessantemente ao esboço de uma metodologia quantitativa que se mostre adequada para interpretar e para explicar cientificamente os casos de gramaticalização existentes nas línguas e, nesse sentido, esta pesquisa tem muito a contribuir, uma vez que constitui uma forma de aferir a adequação da metodologia já desenvolvida, podendo, inclusive, apontar caminhos para questões metodológicas ainda incipientes.

2 CONCEITO E ESTÁGIOS DA GRAMATICALIZAÇÃO

Com Meillet surge, em 1912, o termo *gramaticalização*. Na visão desse lingüista, a gramaticalização é entendida como um fenômeno de transição entre categorias, apanhadas em seu processo no plano diacrônico. Meillet (1912) considera a gramaticalização como um dos principais processos de mudança gramatical. Inicialmente, ele propõe a existência de três classes de palavras: as *palavras principais*, as *palavras acessórias* e as *palavras gramaticais*, alertando para o fato de que entre elas há uma transição gradual que resulta na gramaticalização.

Nas considerações de Castillho (1997), a gramaticalização é o estudo de mudanças lingüísticas situadas no *continuum* que se estabelece entre unidades independentes, localizadas em construções menos ligadas, e unidades dependentes, tais como clíticos, partículas, auxiliares, construções aglutinativas e flexões. De acordo com o autor ora referenciado, este processo de gramaticalização compreende os seguintes estágios: *sintatização*, *morfologização*, *redução fonética* e *estágio zero*. A *sintatização* de um item lexical é a fase em que este item é recategorizado, ou seja, tramita de categoria lexical para categoria funcional. A *morfologização* consiste na criação de formas presas, podendo essas ser afixos flexionais ou mesmo derivacionais. A *redução fonológica* é um processo que ocorre sempre que há a fusão de formas livres em formas presas, que se gramaticalizam como afixos. Por fim, o *estágio zero* retrata o momento máximo de exaustão da estrutura e indica a retomada da gramaticalização, que é um processo contínuo.

2.1 CARACTERÍSTICAS DA GRAMATICALIZAÇÃO

Segundo Coelho (2006), ao se gramaticalizar, uma forma lingüística sofre algumas modificações, que passam a constituir evidências empíricas de um processo de gramaticalização. Segundo a autora, a primeira dessas mudanças é a alteração semântica, ou seja, o item sofre uma perda gradual de seu conteúdo nocional e incorpora um conteúdo gramatical, registrando-se, assim, uma redução dos seus usos concretos e, conseqüentemente, uma ampliação de seus usos abstratos, o que acaba por provocar a polissemia do termo.

Outra característica do processo de gramaticalização é uma freqüência maior do item, pois o mesmo passa a desempenhar funções tanto gramaticais quanto lexicais. Essa característica é uma evidência empírica de um processo de gramaticalização em curso. Além dessa, outra característica empírica é a redução do material fônico. Segundo a autora supramencionada, “existe uma tendência lingüística que favorece a redução da carga sonora do item numa relação de proporcionalidade com o aumento da freqüência”. (COELHO, 2006, p.39)

A redução dos contextos sintáticos em que o item pode ocorrer é mais uma evidência que engloba o aumento da previsibilidade do uso e a fixidez da posição contextual em que o item pode figurar. Segundo a autora, isso acontece porque, à medida que o item vai se tornando mais gramatical, ele torna-se também mais regular, pois passa a sofrer as restrições impostas pela gramática, além de estar sujeito às pressões cognitivas.

3 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA ADOTADA

Para a consecução dos objetivos propostos, foi necessário empreender, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica cujo escopo foi construir um referencial teórico acerca do fenômeno da gramaticalização, o qual sustentou a análise a ser empreendida posteriormente. Para isso, apoiou-se em textos clássicos, como o de Meillet (1912) e em outros estudos mais recentes, como o de Vitral (1996), o de Castilho (1997), o de Vitral e Ramos (1999) e o de Coelho (2006).

Num segundo momento, partiu-se para a seleção dos *corpora* a serem analisados e a definição dos critérios de análise. A metodologia adotada baseou-se na proposta de Vitral (2004) e os *corpora* do estudo foram constituídos por textos escritos representativos dos três períodos da Língua Portuguesa: **ARCAICO**: século XIV ao século

XVI [Crônica de D. João. In: COHEN (1999)]; [conselhos de D. Duarte. In: DIAS (1982)]; **MODERNO**: século XVII ao século XVIII [Aves ilustradas. In: FERREIRA (1981)]; [Antonil. In: CEHA (1994)]; **CONTEMPORÂNEO**: séculos XX e XXI [Hoje em dia. In: JORNAL HOJE EM DIA (2000)]; [Sarapalha. In: ROSA (1946)]. Durante a seleção dos *corpora*, tomou-se o cuidado de se verificar o intervalo de tempo entre os textos (por isso a opção pelos três períodos mencionados), já que a pesquisa explorou o fenômeno da gramaticalização do verbo “querer” em tempo real.

Selecionados os textos, definiram-se os critérios de análise, quais sejam: (a) análise da frequência do item, já que a literatura prevê que, à medida que o processo de gramaticalização de uma forma se expande o item torna-se mais freqüente; (b) análise semântica dos itens lexicais, para quantificar a ocorrência de usos concretos e de usos abstratos, empreendendo-se uma análise comparativa entre eles, para verificar a relação quantitativa entre a ocorrência de usos concretos e abstratos e a expansão do processo de gramaticalização do item; (c) análise dos contextos sintáticos de ocorrência do item, para verificar o aumento (ou não) de sua fixidez e de sua previsibilidade com o avançar do processo; e (d) análise da perda de material fônico. De posse dos resultados, buscou-se traçar o percurso de gramaticalização do verbo “querer” no português do Brasil e também definir o estatuto desse verbo no estágio atual do idioma.

Como itens lexicais, consideraram-se as ocorrências do verbo “querer” em sua forma plena, sem auxiliares, conforme ilustrado em (1) abaixo:

(1) **Quero** doce!

Já, como item gramatical, considerou-se o mesmo verbo desempenhando papel de auxiliar, conforme (2) a seguir:

(2) **Queremos ser** campeões nos próximos jogos.

Posteriormente, os sentidos lexicais foram submetidos a uma análise semântica em que foi considerado como sentido concreto as ocorrências semânticas do verbo “querer” de acordo com seu sentido etimológico, extraído do dicionário etimológico *Nova Fronteira* (1982). O conceito que subsidiou essa classificação foi este: “*Querer. vb. Desejar, ambicionar ‘desejo, vontade’.*” Como formas abstratas, foram consideradas as ocorrências em que o verbo “querer” perdeu seu sentido nocional indicado acima, agregando outros valores semânticos. Para o cômputo dos dados, recorreu-se a uma regra de três simples.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A despeito de inúmeros trabalhos na área de Lingüística se dedicarem ao estudo do processo de gramaticalização de auxiliares na Língua Portuguesa, este estudo também elegeu esse tema como objeto de estudo, visando a verificar tal processo no verbo “querer”, que parece ainda não ter capturado muito o olhar dos lingüistas. Para tanto, foram selecionados seis textos de diferentes períodos, já delimitados na subseção anterior. Inicialmente, foi analisada a freqüência do verbo “querer” ao longo dos três períodos, sendo as ocorrências classificadas em formas lexicais e formas gramaticais, como discorre a subseção a seguir.

4.1 ANÁLISE DA FREQUÊNCIA DO VERBO “QUERER”

TABELA 1: Freqüência do verbo *querer* nos três períodos analisados

Períodos	Querer			
	Forma lexical		Forma gramatical	
	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Arcaico	9	33,3%	18	66,7%
Moderno	15	60,0%	10	40,0%
Contemporâneo	3	20,0%	12	80,0%

A ocorrência de 66,7% de formas gramaticais em contraponto com a presença de 33,3% de formas lexicais no período arcaico indica que, já nesse período, o verbo “querer” se encontrava gramaticalizado na língua, desempenhando papel de verbo auxiliar, como mostram os excertos transcritos abaixo:

(3) “*nom desuyando da hordem primeira tal modo quiseramos teer com este. Mas ueo-nos aa memoria o dito de Fau(o)ryno fillosofo que nos pos tam gram medo que nom ousamos de o fazer (Crônica de D. João. In: COHEN, 1999, p.2, grifo nosso)*”

(4) “*E porque nos nom somos abastante pera compridamente louuar e dizer as bomdades deste poderoso Rey, por a dignidade dos seus grand, feytos, quiseramos cessar de fallar delles, veendo como compria seerem scriptos per huum grande (e) elloquente leterado que bem hordenara o curso dos merecidos lououres. (Croncia de D. João. In: COHEN, 1999, p.4, grifo nosso)*”

(5) *“Como com quaesquer outros que depois uyerem, deueis de ter maneira que nom dessem ordens, senão a homem que quisese ser cleriguo, fazendo lhe antes que as ordens meores filhase, çerto que filharia as ordens sacras, e se se os prelados em esto não quisessem acordar ao menos fação muyto que non dem ordens a nenhua pessoa que nao sayba falar latym 9 conselhos de D. Duarte. (In: DIAS, 1982, p.2 grifo nosso)*

No período posterior (cf. tabela 1), registrou-se também uma ocorrência expressiva de formas gramaticais: 40,0% em oposição a 60,0% das formas lexicais. Tais resultados indicam, além da co-ocorrência das duas formas, o processo contínuo de gramaticalização do verbo “querer”. No entanto, o decréscimo percentual encontrado do período arcaico para o período moderno – de 66,7% para 40,0% – relacionado com a freqüência do verbo “querer” na língua, sugere um processo de desgramaticalização de tal verbo. Contudo, tal processo não é reconhecido pelos estudiosos da língua, o que leva à busca de uma outra explicação para o fato. Uma das explicações já apresentadas para essa queda percentual associa-se à normatização da língua ocorrida no século XVI, que compreende o período moderno. Cumpre esclarecer, contudo, que esta é apenas uma interpretação e que há divergências entre estudiosos no que tange a precisar o determinante dessa alteração, embora todo diacronista admita a oscilação de valores quantitativos no período moderno, o que, de certa forma, constitui um entrave para a análise dos dados.

Vejam-se alguns exemplos de gramaticalização do verbo “querer” extraídos dos excertos analisados no período moderno:

(6) *O que, tudo bem considerado, assim como obriga a uns homens de bastante cabedal e de bom juízo a quererem antes ser lavradores possantes de cana com um ou dois partidos de mil pães de açúcar. (Antonil. In: CEHA, 1994, p.2, grifo nosso)*

(7) *“Em a noite até a fera sofre o bramido; sofra a racional a voz; a que quiser falar a toda a hora, fale com suas irmãs não dispensadas, e fale com Deus nas proibidas”. (Aves ilustradas. In: FERREIRA, 1981, p.1, grifo nosso).*

No período contemporâneo, o emprego da forma gramatical aumentou consideravelmente (cf. tabela1), alcançando 80,0% das ocorrências. Vê-se, pois, que ele é usado hoje mais como auxiliar que como forma plena. Vejam-se os exemplos:

(8) *Quem quisesse, que tomasse conta. Sarapalha. (ROSA, 1946, p.1, grifo nosso)*

(9) *Se quisermos entrar para arrebentar de cara, acabamos perdendo nos detalhes. Temos que ter calma para fazer nosso jogo", recomenda.(Hoje em dia. In: JORNAL HOJE EM DIA, 2000, p.5, grifo nosso)*

4.2 ANÁLISE DOS ASPECTOS SEMÂNTICOS

Na tabela a seguir, foram tabulados os valores semânticos das formas lexicais do verbo “querer”. De acordo com Coelho (2006), a perda do conteúdo nocional do item em processo de gramaticalização é inerente ao fenômeno, porque, ao tramitar do léxico para a gramática, a forma gramaticalizada tende a se tornar mais abstrata. De acordo com critério definido pela referida autora, os sentidos primeiros do item, seus sentidos etimológicos, representam seus valores concretos e, à medida que o processo de gramaticalização avança, vão surgindo novas acepções mais abstratas.

Assim, tomando-se por parâmetro consultas feitas a dicionários de língua portuguesa e também a intuição de falante, identificaram-se outras acepções para o verbo “querer” que foram consideradas abstratas, à medida que se distanciavam do sentido etimológico deste verbo, conforme critério aqui adotado. Os resultados obtidos encontram-se tabulados na tabela 2, a seguir:

TABELA 2: Usos concretos e abstratos do verbo *querer* nos três períodos analisados

Períodos	Querer			
	Concreto		Abstrato	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Arcaico	13	100%	-	-
Moderno	15	82,6%	3	17,4%
Contemporâneo	12	85,6%	2	14,4%

Como demonstra a tabela acima, no período arcaico, não foram detectadas ocorrências de uso das formas abstratas do verbo “querer”, embora ele já estivesse,

nesse período, gramaticalizado como auxiliar (cf. tabela 1). Esse é um dado curioso que pode ser evocado para explicar o fato de esse verbo ainda conservar resquícios de seu valor semântico. Vê-se que o verbo em estudo apresenta uma especificidade, dado que não endossa o que prevê a literatura no sentido de esvaziar-se semanticamente para desempenhar funções gramaticais. Os dados indicam, ao contrário, que esse verbo cumula funções: a semântica e gramatical, como demonstram os exemplos a seguir:

(10) *Quero ter toda a riqueza do mundo!*

(11) *Quero viajar nas férias!*

Nos períodos posteriores, percebe-se que o verbo “querer” vai perdendo seu conteúdo nocional, pois os usos concretos reduziram de 100,0% no período arcaico para 82,6% no período moderno, exibindo um pequeno acréscimo de 85,6% no período contemporâneo. Tais resultados indicam a perda do conteúdo nocional deste verbo, além de revelarem que o verbo “querer” encontra-se ainda em processo de gramaticalização na língua, conforme hipótese aventada inicialmente.

Vejam-se alguns exemplos extraídos dos excertos dos textos usados no *corpus* desta pesquisa em que o verbo “querer” apresenta valores abstratos em suas realizações lexicais:

Com valor semântico de **exigir**:

(12) *“Dos ladinos se faz escolha para caldeireiros, carapinas, calafates, tacheiros, barqueiros e marinheiros, porque estas ocupações querem maior advertência.”* (Antonil. In: CEHA, 1994, grifo nosso)

(13) *“Porém, não lhes dar farinha nem dia para a plantarem, e querer que sirvam de sol a sol no partido de dia e de noite, com pouco descanso no engenho, como se admitirá no tribunal de Deus sem castigo?”* (Antonil. In: CEHA, 1994, grifo nosso)

Com valor semântico de **preferir**:

(14) *“Comprar, um senhor de engenho a um lavrador que tem cana livre para a moer aonde quiser...”* (Antonil. In: CEHA, 1994)

No período contemporâneo, foi identificado apenas um valor semântico para o verbo em estudo: **ter simpatia, amizade**, conforme se percebe no exemplo que se segue:

(15) *“_ Pois então, adeus, Primo! Me perdoa e não guarda ódio de mim, que eu lhe quero muito bem...”* (Sarapalha. In: ROSA, 1994, grifo nosso)

4.3 ANÁLISE DOS ASPECTOS SINTÁTICOS

De acordo com Coelho (2006), o avanço do processo de gramaticalização acarreta a redução dos contextos sintáticos e determina a sua maior previsibilidade, já que as formas tendem a se tornar mais fixas à medida que tramitam do léxico para a gramática ou de uma posição menos gramatical para outra mais gramatical. O presente estudo se propôs a verificar se tal assertiva condiz com as realizações do verbo “querer”.

Analisando as realizações do verbo em estudo, pôde-se perceber que todas as suas ocorrências gramaticais admitiram apenas verbos no infinitivo, o que conduz ao postulado de que esse verbo é previsível, ou seja, sua forma torna-se mais fixa à medida que avança seu processo de gramaticalização. Segundo a autora mencionada, esta seleção do infinitivo é determinada pela transitividade do verbo “querer” que, sendo transitivo direto, exige como complemento objeto direto, papel desempenhado pelos verbos no infinitivo. Confirmam-se os exemplos abaixo extraídos dos três períodos analisados:

(16) *Como com quaesquer outros que depois uyerem, deuieis de ter maneira que nom dessem ordens, senão a homem que quisese ser cleriguo, fazendo lhe antes que as ordens meores filhase, çerto que filharia as ordens sacras, e se se os prelados em esto não quisesem acordar ao menos fação muyto.*(Conselhos de D. Duarte. In: DIAS,1982,grifo nosso)

(17) *a que ele queria assistir: era a festa de tarde, do fidalgo antes de chegar ao lugar, quis jantar em o caminho, para o que já ía prevenido.* (Aves ilustradas. In: FERREIRA,1981, grifos nossos)

(18) *Armando Costa não quis comentar ontem as declarações do governador e nem as possíveis pressões que vai enfrentar para deixar a presidência.* (Hoje em dia. In: JORNAL HOJE EM DIA,2000, grifo nosso)

Apesar de os usos ora arrolados não terem sido cotejados no *corpus* deste estudo, o conhecimento lingüístico de falante alerta para uma possível acentuação do processo de gramaticalização do verbo “querer”, o qual passa a assumir uma função modalizadora de marcador de possibilidade, quando co-ocorre com um outro auxiliar – “estar” – em sentenças como (19), (20) e (21), a seguir:

(19) Está querendo chover!

(20) Esse menino está querendo dar febre de novo!

(21) Parece que ele está querendo chorar.

No exemplo (19), o verbo funciona como um modalizador, marcando a possibilidade de um acontecimento que independe da vontade de algo ou de alguém. Da mesma forma, em (20), este verbo carrega o sentido de uma possibilidade iminente de o sujeito voltar a ter febre, fator que independe da sua vontade, uma vez que as pessoas não desejam ficar doentes. Em (21), também encontramos o verbo “querer” funcionando como um modalizador que indica uma possibilidade de o sujeito do enunciado chorar.

Cumprе ressaltar que esse assunto não será aprofundado nesse trabalho, uma vez que o mesmo não foi cotejado no *corpus* delimitado. Tais observações foram mencionadas apenas como um exemplo do estágio avançado do processo de gramaticalização do verbo “querer”, que já funciona como um verbo modal na língua, ficando aberta a questão para estudos posteriores.

4.4 ANÁLISE DO CRITÉRIO FONOLÓGICO

Ainda de acordo com Coelho (2006), a literatura disponível acerca do fenômeno da gramaticalização destaca a redução da carga sonora do item como indício da expansão do fenômeno, ou seja, com o avançar do processo de gramaticalização, ocorre, normalmente, perda de material fônico.

Contudo, há de se considerar que essa perda de material fônico não é tão perceptível na escrita quanto o é na fala. Considerando-se que o *corpus* dessa pesquisa teve-se apenas a textos da modalidade escrita, já era previsível que não se pudesse comprovar esse fenômeno, a menos que o processo já tivesse muito avançado, chegando à cliticização das formas. Apesar de tal redução não ter sido cotejada nos textos analisados, a intuição de falante permite identificar alguns exemplos de reduções do material fônico nas realizações orais do verbo “querer” na fala cotidiana. Atente-se aos exemplos:

(22) Você qué dançá comigo?

(23) Parece que tá quereno chovê !

Os exemplos arrolados demonstram que o verbo “querer” sofreu perda de material fônico tanto na forma lexical (cf.22) quanto na forma gramatical (cf.23). Nesse sentido, tal perda fônica não pode ser atribuída ao processo de gramaticalização do item; caso contrário, não seria verificada também em sua forma lexical. Ela é, portanto,

resultante apenas de um processo natural na modalidade oral da língua portuguesa que tende a suprimir o 'r' final dos verbos no infinitivo (cf.22) e o 'd' dos verbos no gerúndio (cf.23).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a proposta inicial deste trabalho, foi analisada a realização do verbo “querer” no português, nos períodos arcaico, moderno e contemporâneo. Para averiguar a hipótese aventada de que este verbo ainda está em processo de gramaticalização, foram selecionados textos dos períodos mencionados. A partir dessa seleção, foram computadas as ocorrências desse verbo, que puderam comprovar que este ainda está em processo de gramaticalização, pois há registros de usos do verbo “querer” como auxiliar que ainda preservam resquícios de seu valor semântico.

Diante das análises feitas, foi possível perceber que o processo de gramaticalização do verbo “querer” é bastante longo na língua, pois já no período arcaico suas realizações gramaticais ultrapassaram sessenta pontos percentuais (cf.tabela 1). Os dados também revelam que a sua realização lexical ainda co-ocorre com a sua realização gramatical. Além disso, no período arcaico, não foram detectadas ocorrências de uso das formas abstratas do verbo “querer”, embora ele já estivesse gramaticalizado como auxiliar, o que pode explicar o fato de tal verbo conservar resquícios de seu valor semântico, mesmo após ter se gramaticalizado em verbo auxiliar.

Como já salientado, o estudo ora proposto é de natureza pura e, portanto, sua relevância não reside em questões voltadas para o ensino. A significância deste estudo reside, pois, no fato de os estudos formalistas acerca do fenômeno da gramaticalização encontrarem-se em fase inicial, se considerado o trajeto já percorrido pelos demais estudiosos em militância. Nesse sentido, esta pesquisa muito contribui na busca de uma metodologia adequada para o estudo do fenômeno da gramaticalização, além de contribuir com os estudos lingüísticos no sentido de descrever o processo de gramaticalização de mais um item da língua. Espera-se que as questões aqui levantadas fomentem outros estudos acerca da gramaticalização dessa forma verbal, dado que, conforme discutido, há questões que ainda exigem um estudo mais aprofundado.

6 REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. *Estudos lingüísticos e literários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, n. 19, pp. 25-63, mar. 1997.

_____. Para uma sintaxe da repetição – língua falada e gramaticalização. *Língua e literatura*. São Paulo, n. 23, pp. 293-330, 1997.

COELHO, Sueli Maria. Uma abordagem teórica da mudança lingüística sob a perspectiva da gramaticalização. *Alpha – Revista da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do UNIPAM*, Patos de Minas, n.5, p.132-141, 2004.

COELHO, Sueli Maria. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens ter, haver, ser, estar e ir na língua portuguesa*. 2006.321fl. Tese (doutorado) – Universidade Federal Minas Gerais, Faculdade de Letras. Belo Horizonte.

COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. *BTLH- banco de textos para pesquisa em lingüística histórica: textos dos séculos XIV ao XX*. Edição eletrônica. Fale/UFMG/CNPq, 1999.

CEHA – *Centro de Estudos de história do atlântico*, 1994. Disponível em: <http://www.ceha-madeira.net>. ANTONIL. Cultura e opulência no Brasil na lavra do açúcar.

CUNHA. Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2.ed. editora: Nova Fronteira, 1982.

DIAS, João José Alves. *Livro de conselhos de El-rey D. Duarte (livro da cartucha)*. Lisboa: Estampa, 1982.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

JORNAL HOJE EM DIA. *Edições eletrônicas de 02 a 04 de abril de 2000*. Disponível em: <http://www.hojeemdia.com.br>

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1963.

MARIA DO CÉU. Aves ilustradas em avisos para religiosas servirem os ofícios de seus mosteiros. In: FERREIRA, J.P. (ed). *Novelistas e contistas dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948.

ROSA, Guimarães. Sarapalha, 1946. in: *Brazil: news from Brazil*. Disponível em: <http://www.brazil-brasil.com/shosep.htm>

VITRAL, Lorenzo Teixeira. A forma CÊ e a noção de gramaticalização, in: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 1, n. 4, pp. 116-124, jan./jun. 1996.

_____. *O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização*, 2004.
(No prelo)

VITRAL, Lorenzo Teixeira; RAMOS, Jânia. A gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica? In: *Filologia e Lingüística Portuguesa*. V. 3, pp. 55-64, São Paulo: Humanitas.